

Linguagem corporal

O corpo simbólico

Nelson Schneider Todt

O CORPO SIMBÓLICO

Tanto na criança como no adulto, os fantasmas inconscientes determinam sem o seu conhecimento, seu modo de agir. Mesmo que se resista ou que se entregue a eles, estes fantasmas não estão menos presentes na determinação de seus atos.

Nas situações do dia-a-dia, estas motivações inconscientes são freqüentemente recobertas e mascaradas pelas racionalizações. A lógica aparente de nossos comportamentos mascara o conteúdo simbólico, mais para nós mesmos do que para os outros. Uma análise sistemática permite descobrir constâncias, fixações, na diversidade destes comportamentos e evidenciar os fantasmas inconscientes permanentes que os sustentam.

A psicanálise chega a este resultado pela análise do discurso, do qual ela retém as falhas, o irracional. Se ela dá uma atenção particular ao sonho, revelado pelas palavras, pelas imagens que estão sempre em relação com a "fantasmática" corporal, é porque este é irracional e escapa assim em parte, ao controle lógico da consciência.

Lapierre, A. e Aucouturier, B. (1984) escolheram um outro caminho que é o do simbolismo direto da ação não mediatizada pelo discurso. Porém não se contentaram em analisar as falhas dos comportamentos racionais, criaram deliberadamente situações das quais são excluídos todos os objetivos racionais, situações onde "não há nada a fazer", nada a realizar e onde no entanto se age. Desembarçados de seu suporte racional, os comportamentos tomam então toda sua significação simbólica. É através deste simbolismo que os fantasmas originais podem ser revelados, não apenas ao terapeuta, mas, o que é mais importan-

te, à própria pessoa que os vive. Com freqüência eles surgem bruscamente na consciência, num estresse emocional violento.

A verbalização *a posteriori* não é indispensável. O terapeuta não explica nada, não "interpreta" nada. O fantasma é espontaneamente percebido, em toda sua amplitude e suas ramificações, pelo único fato da situação vivenciada. É o que se passa com a criança, num nível de consciência sem dúvida menos intelectualizado, menos racionalizado. O surgimento do fantasma, por uma situação vivenciada, se manifesta primeiro pelo aumento progressivo da emoção ou da angústia, a princípio indefiníveis por se originarem no inconsciente. É a intensidade da emoção, o poder da angústia que vão forçar as barreiras do inconsciente e permitir que o "recalque" possa emergir. A angústia só se soluciona quando o imaginário inconsciente pode ser simbolizado.

As tensões ansiosas da criança, que tiram toda a disposição, desaparecem quando os fantasmas originais que as sustentam são reconhecidos e identificados através de uma vivência simbólica. O papel do terapeuta é favorecer este emergir e seu instrumento mais eficaz é seu próprio corpo, substituto do corpo dos pais ao qual estão ligados a maior parte dos fantasmas originais.

A implicação do corpo do terapeuta é um dos princípios fundamentais da terapia psicomotora: O corpo do terapeuta deve ser revelador do que a criança não pode dizer, nem escrever, nem desenhar; fantasmas que ela exprime inconscientemente em seu modo de agir. A esses fantasmas ele traz a complementaridade que vai revelar o sentido deles. O corpo do terapeuta se torna espelho dos fantasmas do outro, um espelho que não reflete a

Se ela dá uma atenção particular ao sonho, revelado pelas palavras, pelas imagens que estão sempre em relação com a "fantasmática" corporal, é porque este é irracional e escapa assim em parte, ao controle lógico da consciência.

imagem real do outro, e sim a irreabilidade de sua imagem, sua imagem “fantasmática” e complemento desta imagem.

O corpo do terapeuta é sempre o substituto simbólico do corpo da mãe e do pai, dos dois num só tempo, ou às vezes de forma alternada. Ele deve responder à imagem fantasmática que a criança tem dele e se deixar modelar por essa imagem e sua evolução. Nestas condições, o corpo do terapeuta se torna revelador, para a criança, do que ela não vivenciou, ou vivenciou demais, ou mal vivenciou, da perda do corpo do outro no plano da relação tônico-afetiva, da falta da identidade, em suma revelador das relações fantasmáticas com a mãe e com o pai ou mais precisamente com o corpo deles.

Em Lapierre, A. e Aucouturier, B. (1984) fica claro que o terapeuta deve “se matar” pelo outro, abandonar seus próprios desejos e “renascer” na relação tônica com o outro, a relação de comunicação. Esta morte e este renascimento são permanentes, num contínuo impossível de situar no tempo.

O corpo do terapeuta está portanto à disposição da criança, não como objeto passivo, mas como “objeto ativo” que pode entrar em ressonância com seus desejos. Ele se torna o que a criança quer fazer dele, respondendo tonicamente, a todo momento, ao que ela exprime de seus desejos profundos.

Trata-se de um ajustamento permanente às proposições do outro, de uma prática existencial, adaptada, a todo instante, ao momento e ao espaço do outro. Porém, esta prática só pode se tornar operacional e eficaz quando o terapeuta dá um sentido ao texto gestual e tônico do outro, daí sua dimensão psicanalítica.

Esta projeção dos fantasmas sobre o corpo do terapeuta e a resposta que lhe é devolvida, vão permitir uma mobilização da situação relacional até então bloqueada nas fixações de comportamento, uma espécie de desbloqueio da expressão simbólica dos fantasmas.

Colocar seu corpo a serviço do outro em uma relação que se pretende terapêutica, vai ne-

cessitar da parte do terapeuta, como já dissemos, de um domínio constante de suas pulsões e reações tônicas. A relação psicomotora, efetivamente, não é fria, nem impessoal, nem técnica; ao contrário, ela exige do participante uma implicação, uma certa participação emocional, sem a qual a comunicação “não passa”.

Encontramo-nos aqui em uma posição análoga a do psicanalista, diante da transferência e da contra-transferência.

Quando se trabalha a nível do corpo, a transferência é muito carregada e muito rápida, pois faz apelo a uma sensibilidade afetiva arcaica, muito ligada à imagem paterna e sobretudo materna. Para Lapierre, A. e Aucouturier, B. (1984) a transferência faz parte da terapia psicomotora, da mesma maneira que a cura psicanalítica. E da mesma forma, o terapeuta deve ter domínio de sua própria contra-transferência, isto é, deve dominar os desejos que desenvolve inconscientemente diante da criança. Isto só será possível se ele permanecer em atitude de escuta e de análise de seu próprio inconsciente.

Trata-se, acima de tudo, de analisar seu conteúdo simbólico e de colocar para fora os fantasmas que as provocaram, de chegar de algum modo a uma “espontaneidade consciente”. Esta atitude é a única que permite um controle da relação sem esvaziá-la. Trata-se, em suma, de interpretar as reações motoras e tônicas do outro, de dar-lhes um “sentido” e também de interpretar nossas próprias reações tônicas e motoras e dar-lhes um “sentido.” É neste jogo dos “sentidos” que se constroem nossos discursos gestuais, que se completam, se rompem, se reaproximam e se afastam. É o domínio pulsional do terapeuta, o domínio de sua contra-transferência que deve permitir devolver ao outro sua autonomia e eliminar sua transferência.

Na fusão de contato com o corpo do outro, existe perda de qualquer rigidez tônica; perda e confusão dos limites corporais. Este bem-estar que invade o ser, o faz mergulhar num estado regressivo que vai progressivamente aniquilar o pensamento refletido, organizado, dedutor; este se torna mole, fluido, escorre e evapora, dando lugar a um estado de eufo-

Colocar seu corpo a serviço do outro em uma relação que se pretende terapêutica, vai necessitar da parte do terapeuta, como já dissemos, de um domínio constante de suas pulsões e reações tônicas.

ria semiconsciente. Neste estado de abandono, de diminuição das defesas, um grande número de lembranças esquecidas e de produções fantasmáticas emergem à memória: lembranças felizes, dramas, faltas de nossa primeira infância.

A fusão, então, funciona como uma catarse. Permite, provavelmente graças à resolução tônica que ela provoca, deixar vir à tona grande número de fantasmas cravados em nosso corpo, enquistados nas tensões tônicas de defesa.

A RELAÇÃO TÔNICA

O que chamamos de relação tônica é a relação, o intercâmbio dialético que pode-se estabelecer entre dois corpos e lhes permitir de se compreenderem; de estabelecer uma situação de fusionalidade mais ou menos simbólica, de comunicação, e de encontrar prazer nesta situação. Este intercâmbio, esta penetração conjunta pode ser feita em contato direto, e também à distância.

Por que “relação tônica”, ao invés da relação gestual? Primeiramente, porque não existe necessariamente movimento, comunicações profundas de tipo fusional que podem se estabelecer na imobilidade. Em seguida e principalmente, porque o vetor da comunicação não é o gesto dinâmico em si mesmo (ligado à motricidade voluntária) e sim às modulações tônicas (ligadas à subcorticalidade) que dão a esse gesto seu conteúdo afetivo e emocional.

A comunicação tônica é feita de uma infinidade de nuances muito finas, inexprimíveis em linguagem verbal, muito mais sentidas do que compreendidas pelo outro. E isto é precisamente o que lhe dá valor e a torna insubstituível.

A relação tônica não sendo de ordem intelectual, não pode definir-se por palavras que se revestem necessariamente de conceitos intelectuais. Enquanto as modulações tônicas são controladas por uma intelectualização dos sentimentos, não se pode estabelecer nenhuma comunicação profunda. Poderíamos quase

dizer que esta relação é de ordem biológica ou psico-fisiológica: se sou capaz de sentir o outro através de seu corpo, de suas produções corporais, é porque minha organização biológica é idêntica a dele, o que me permite, com referência a meu próprio corpo, sentir o que ele sente, além do que as palavras podem definir. O que é sentido é uma espécie de cumplicidade implícita num mundo fechado que nos engloba um e outro e do qual os outros estão excluídos. Há uma perda de consciência do que está ao redor, de tudo o que não seja o outro. A dialética tônica exprime aqui a dialética fusional: é a “reunião” de dois corpos que, além de sua separação, encontram sua unidade biológica e participam da mesma vida. O fantasma de fusão está presente em qualquer relação tônica verdadeira, em contato direto ou à distância.

O CONTATO CORPORAL

É o aspecto mais regressivo por ser o mais próximo do fantasma original; é também o mais controvertido porque questiona não somente o tabu sexual, mas também o tabu social.

Temos, em volta do nosso corpo, um espaço que psicologicamente nos pertence. É o “nosso” espaço, nosso espaço de segurança. É também um “espaço social” cuja dimensão varia, conforme o lugar que o indivíduo ocupe na hierarquia do grupo. Parece que não é apenas cultural, mas que tem raízes mais profundas; em todos os grupos animais, particularmente no dos primatas, encontra-se o mesmo fenômeno.

Quando se penetra voluntariamente no espaço do outro, produz-se necessariamente alguma coisa; estabelece-se uma relação: seja uma reação de aceitação (dominação, submissão ou acordo), seja uma reação de rejeição (afastamento, fuga ou agressão), seja uma reação ambivalente feita ao mesmo tempo de um desejo de fuga e de aproximação. O fato de que estas reações sejam mais ou menos inibidas e reprimidas não modifica nelas o conteúdo afetivo e emocional, pelo contrário.

Além disso, estes tabus são projetados

O que chamamos de relação tônica é a relação, o intercâmbio dialético que pode-se estabelecer entre dois corpos e lhes permitir de se compreenderem.

sobre o outro. Será que ele vai aceitar a transgressão? Até que nível? Como será que ele vai julgar minha aproximação? Daí, o medo de não ser aceito, ou de uma falsa aceitação; o medo de colocar o outro em dificuldade, de ser julgado definitivamente, o medo do corpo do outro e o reforço das defesas tônicas. Mas, em contrapartida, a “outra face” dos tabus pode aparecer e, às vezes, predominar: quanto mais as coisas proibidas são desejadas, mais proibidas elas são. Daí, uma supervalorização da transgressão do tabu social, no contato e na posse do corpo do mestre. Só se pode estabelecer um contato natural e relaxado, feito de disponibilidade tônica, quando estas resistências e supervalorizações forem superadas. No plano fisiológico, isto é a expressão simbólica da fusão e só pode se estabelecer quando o outro corpo dá uma resposta favorável ao desejo fusional.

A partir dessa “linguagem do corpo” é que se desenvolve a comunicação no bebê, em seguida a linguagem falada e a linguagem gráfica.

Os autores Vayer, P. e Toulouse, P. (1985) partem de diferentes disciplinas cujo objeto de estudo é, ao menos parcialmente, a regulação da ação e da interação (psicologia rogeriana, etologia, neurofisiologia), para mostrar como intervêm ou podem intervir a dinâmica da ação e a comunicação corporal no desenvolvimento da criança. O trabalho desses autores propõe uma nova concepção da pedagogia e da escola, a partir da realidade das redes de interações da criança com seu ambiente. Todo o seu ambiente.

Segundo Vayer, P. e Toulouse, P. (1985), Rogers, C. recoloca a teoria do desenvolvimento autônomo expresso por Pickler, E. “no mundo da comunicação”. O desenvolvimento da criança é considerado então como uma autoconstrução progressiva, necessariamente fundada no conhecimento que a criança adquire de si mesma através de sua ação e de suas trocas com os outros. As posturas e os gestos têm assim uma dupla função, afetiva e semântica. A partir dessa “linguagem do corpo” é que se desenvolve a comunicação no bebê, em seguida a linguagem falada e a linguagem gráfica.

Mais do que tentar ver na parte que cabe ao inato e ao adquirido, os “desenvolvimentistas” se esforçam freqüentemente para compreender melhor dois grandes tipos de mecanismos:

- 1) os mecanismos de preparação à ação, da própria ação e da correção desta, na medida em que a criança descobre seu ambiente físico. Os pesquisadores estudam assim quando e como a criança que ajusta e coordena suas atividades motoras adquire, através de auto-aprendizagens sucessivas, um conhecimento cada vez mais preciso de si mesma;
- 2) os mecanismos de preparação à ação, da ação e da correção desta em relação aos outros e, em consequência, a regulação das trocas sociais, em função do contexto e das experiências individuais sucessivas. A ação do indivíduo é então estudada enquanto “meio de comunicação” com o outro.

Uma das forças que travam ou impedem essa função essencial da ação: há incompatibilidade entre a “linguagem do corpo” da criança e o comportamento do adulto que, tendendo a substituir o desejo da criança pelo seu, não procura penetrar nem na realidade nem no simbólico do corpo, mas tende a utilizar unicamente a “linguagem verbal” para iniciar e regular a ação.

A atividade esportiva, como todas as atividades conflituosas do homem moderno, tornou-se, em se sobrecarregando de símbolos e portanto se “ritualizando”, uma atividade na qual os conflitos constituem fonte de comunicação.

Um tal procedimento implica levar em consideração as características próprias do indivíduo, resultantes das influências genéticas e das experiências individuais sucessivas, e de todas as influências possíveis do ambiente, particularmente do meio familiar e do meio educativo. É preciso atribuir particularmente a maior importância às diferenças individuais, “fator dinâmico essencial” num grupo de pessoas engajadas na mesma ação. Ao reconhecer o outro como diferente e ajustar-se às suas características, participamos de “um sistema aberto” que favorece o desenvolvimento geral e a autoconstrução da pessoa.

O desenvolvimento neuromotor, chamado por Vayer, P. e Toulouse, P. de “desenvolvimento temporal dos meios de ação”, acentua a importância intrínseca da ação.

A relação de ajuda do adulto deve permitir à criança “encontrar-se, fornecendo-lhe as possibilidades de interação e de comunicações novas”. Para isso, é indispensável que ambos, adulto e criança, utilizem os mesmos códigos. As comunicações não-verbais, “linguagem do corpo e da ação” são as únicas que permitem verdadeiramente restabelecer o diálogo com as crianças e também com os adultos quando estes se encontram em dificuldades consigo mesmos.

A comunicação não-verbal é essencial na vida dos grupos de crianças, “o primordial é a comunicação indivíduo-ambiente. As aprendizagens dependem dos processos de comunicação, das aprendizagens não-dirigidas, nas quais as crianças são ativas.

É tempo de considerar as crianças seres ativos, agindo sobre o ambiente mais do que se submetendo a ele; é tempo de considerar a noção de comunicação em toda a sua complexidade e não limitá-la unicamente ao discurso do adulto, do educador. Isso implica, no seio do grupo ou da classe, uma organização que facilite os deslocamentos e as mudanças, um ir e vir permanente entre o comportamento e a mensagem do Mestre de um lado e as respostas das crianças tanto motoras como verbais e gráficas de outro lado. É preciso, ao mesmo tempo, dar toda a importância à expressão corporal e à “turbulência”, atualmente ignoradas, negadas ou reprimidas, e desenvolver seus aspectos altamente desabrochantes; esporte, dança, atividades ditas psicomotoras, etc.

A LINGUAGEM CORPORAL

Considerando os princípios teóricos e os objetivos acima definidos, a educação e a terapia psicomotora apelam às técnicas que são essencialmente técnicas de comunicação não-verbal.

A significação do corpo através de suas posições, movimentos, tensões, mímicas, contatos, distâncias, ritmos, nos parece constituir uma linguagem inata, imediatamente entendida pelo outro, qualquer que seja sua idade. Mas, esta linguagem, no adulto, é tão reprimi-

da pela “carapaça cultural” que ele quase a esqueceu, e deverá reaprendê-la ou, pelo menos, liberá-la. Para o terapeuta ou educador, um outro problema se apresenta, que é como já o vimos, o de dominar a linguagem para poder utilizá-la conscientemente.

Numa relação verbal, é sempre possível ficar calado. O corpo, no entanto, não se cala jamais: diante de um olhar, no contato com o outro, ele não cessa de emitir mensagens. Quando desaparece, sua própria ausência constitui ainda uma linguagem. Acreditamos que a expressão corporal e a comunicação em todas as suas formas constituam realmente o alicerce do desenvolvimento da criança.

BIBLIOGRAFIA

- BERTHERAT, Thérèse, BERNSTEIN, Carol. O correio do corpo : novas vias da antiginástica. São Paulo : Martins Fontes, p. 111-122.
- LAPIERRE, André, AUCOUTURIER, Bernard. Fantasma corporais e a prática psicomotora. São Paulo : Manole, 1984, p. 63-72.
- VAYER, Pierre, TOULOUSE, Pierre. Linguagem corporal : a estrutura e a sociologia da ação. Porto Alegre : Artes Médicas, 1985. 159p.

UNITERMOS

Corpo simbólico; linguagem corporal fantasmática; relação tônica.

**Nelson Schneider Todt é mestrando em Ciências do Movimento Humano na ESEF/UFRGS e professor de Educação Física no Colégio Cruzeiro do Sul - Porto Alegre/RS.*

A comunicação não-verbal é essencial na vida dos grupos de crianças, “o primordial é a comunicação indivíduo-ambiente.